

A NOVA LITERATURA BRASILEIRA

O Dia – 07 de agosto de 1936.

Um livro do sr. Andrade Muricy é, para nós paranaenses, motivo de sincero júbilo. Isto porque o sr. Andrade Muricy, filho do planalto, é, na geração atual, uma das figuras de mais lúcido espírito crítico e de mais penetrante capacidade de observação. Com Tasso da Silveira, o sr. Muricy está na vanguarda do pensamento novo do Paraná. E, com Tasso, é o representante dessa alma mística, alma “dos chapadões altíssimos, de horizontes de bruma ou cristal”.

Quando apareceu “Festa Inquieta”, eu ainda me encontrava incapaz de julgar o valor do livro do sr. Andrade Muricy. E no entanto, criança ainda, eu senti, melhor do que ninguém, aquela terrível sentimentalidade fria e aquela ânsia sublime para o infinito, aquele terror e aquela angústia, aquela tendência para o absoluto que tão bem caracterizou, entre nós, o grupo de “Festa”.

Disseram-se que “Festa Inquieta”, a nostálgica novela do sr. Muricy, era filha de um estado de espírito transitório que em nada tinha relações com a forte personalidade do autor. Em “Suave Convívio” é que o sr. Andrade Muricy transbordava toda a sua inteligência crítica e toda sua capacidade de condensação estética. Acredito ainda que isso seja verdade. O que não posso entender é como “Festa Inquieta”, onde a alma paranaense se reflete tão amiúde e onde aquele frio montanhoso de manhãs de vento, de manhãs paradas, pesa no íntimo dos

personagens, seja produto de um momento psíquico. Temos que levar em conta a parte climática, a índole da terra e a fisionomia da gente – o clima suíço tão paranaense, a geografia curitibana, a formação contemplativa do nosso povo. O sr. Andrade Muricy é, como Tasso da Silveira, um brasileiro do “hinterland”. “A névoa e o céu profundamente escancarado alternam naquela região (o Paraná)”. “Névoa, essa névoa que quiseram expulsar de nossa poesia, por estrangeira, e de que Ribeiro Couto, simpaticamente, reconheceu a naturalidade brasileira. Névoa que favorece a meditação e o recolhimento... Céu aberto que parece aproximar de Deus”.

“Festa Inquieta” ficou sendo para mim a novela mais tipicamente paranaense: paranaense em tudo, na forma, no conteúdo, na vida, na intensidade lírica, na virtuosidade e na poesia comum das coisas. E “Suave Convívio”, como “Igreja Silenciosa” e “Alegria Criadora”, o pensamento frio e contundente do paranaense intervindo nas criações emanadas do pensamento da Amazônia, do nordeste sensual e da metrópole rumorosa.

Agora, surge o sr. Andrade Muricy, com mais um livro de crítica. “A Nova Literatura Brasileira” (Edição da Livraria do Globo de Porto Alegre) tem pelo menos uma vantagem sobre todas outras obras no gênero, aparecidas ultimamente: define posições. “Em toda esta obra, raríssimo foi afastar-me do tom mais objetivo e impessoal. Estudei com interesse, parece-me que bem evidenciado, cada caso. Despi-me das mais justificadas preferências para não prejudicar o julgamento do leitor. Julguei (e, até certo ponto, julgar era inevitável) pouquíssimo, com a prudência indispensável a quem trata de matéria mais do que apenas contemporânea, porque, mal ou bem, sou partícipe da obra da geração”. Bela coisa é o julgamento de uma geração por uma figura dessa mesma geração. E esse foi o trabalho panorâmico do sr. Muricy.

“A Nova Literatura Brasileira”, como obra de apreciação crítica e, ao mesmo tempo, como antologia, vem prestar às letras nacionais um serviço inegável que é de colocar cada escritor dentro da posição adotada em face da vida. Os estudos do sr. Muricy sobre a poesia de Tasso da Silveira, Ronald de Carvalho, Raul Bopp, Murillo Araújo, Gilka Machado e Augusto Meyer são estudos admiráveis,

de precisão, fecundidade e síntese. O modo de interpretar, aliás, bastante original, a obra de José Américo de Almeida, José Lins do Rego, Jorge Amado, Alvaro Moreyra, Amando Fontes, pode, na verdade, não agradar por serem um tanto violentas as conclusões do sr. Muricy, mas, com isso, revela um temperamento crítico como poucos já possuímos no Brasil. O elogio de Amando Fontes e Barreto Filho, como as restrições apresentadas aos romances de Jorge Amado e Lins do Rego, as páginas de admiração sobre Jackson e Veiga Lima, a prosa risonha de Adelino Magalhães, como as palavras quentes sobre Plínio Salgado, dão, ao sr. Andrade Muricy, lugar de real destaque.

“A Nova Literatura Brasileira” vem compor o quadro exato do momento literário nacional. Livro de um paranaense, vem mostrar a elevação luminosa desses espíritos do planalto.